

VIA TEOLÓGICA

Volume 24 – Número 47 – jun. / 2023

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO: BREVE AVALIAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES

*Esp. André Luiz Vasconcelos
Me. Eduardo Rueda Neto*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO: BREVE AVALIAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES

CHALLENGES IN THE CONSTRUCTION OF AN OLD TESTAMENT
THEOLOGY: BRIEF EVALUATION AND CONTRIBUTIONS

*Esp. André Luiz Vasconcelos¹
Me. Eduardo Rueda Neto²*

-
- 1 Graduado em Teologia e especialista em Teologia Bíblica pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), doutorando em Antigo Testamento pela Universidad Adventista del Plata (UAP), Entre Ríos, Argentina. Atua como editor de livros na Casa Publicadora Brasileira. E-mail: andre.vasconcelos@cpb.com.br
 - 2 Graduado em Teologia (Centro Universitário Adventista de São Paulo) e Filosofia (Universidade Católica de Brasília), mestre em Teologia pela Universidad Peruana Unión (UPeU) e doutorando em Teologia pela Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atua como editor de livros na Casa Publicadora Brasileira. E-mail: eduardo.rueda.neto@gmail.com

RESUMO

O Antigo Testamento contém os fundamentos da fé judaico-cristã. Nele se encontram as origens e o substrato mais elementar da Teologia, de modo que todo pensar e fazer teológicos passam necessariamente pelas Escrituras veterotestamentárias. No entanto, a leitura e a interpretação do Antigo Testamento não são isentas de obstáculos, os quais, se devidamente considerados e cuidadosamente abordados, podem ser superados de modo que não representem um estorvo ao labor teológico. Este ensaio discute três dos principais desafios relacionados ao desenvolvimento de uma teologia do Antigo Testamento: o cânon veterotestamentário e sua relação com o Novo Testamento; a variação literária e temática no Antigo Testamento; e a natureza descritiva/prescritiva dos escritos veterotestamentários. Após uma breve reflexão sobre cada um desses tópicos, são apontados princípios que podem ser úteis na tarefa de extrair teologia das páginas das Escrituras Hebraicas.

Palavras-chave: Antigo Testamento. Teologia. Cânon.

ABSTRACT

The Old Testament contains the foundations of the Judeo-Christian faith. In it are found the origins and the most elementary substratum of Theology, so that all theological thinking and doing necessarily pass through the Old Testament Scriptures. However, reading and interpreting the Old Testament are not free from obstacles, which, if properly considered and carefully addressed, can be overcome so that they do not hinder theological endeavor. This essay discusses three of the main challenges related to the development of an Old Testament theology: the Old Testament canon and its relationship with the New Testament; literary and thematic variation in the Old Testament; and the descriptive/prescriptive nature of the

Old Testament writings. After a brief reflection on each of these points, principles are pointed out that can be useful in the task of extracting theology from the pages of the Hebrew Scriptures.

Keywords: Old Testament. Theology. Canon.

INTRODUÇÃO

Estudar o Antigo Testamento é, ao mesmo tempo, uma tarefa simples e desafiadora. É simples porque mesmo uma pessoa sem formação teológica pode desfrutar de sua sabedoria e de sua mensagem salvífica. Suas narrativas, sua prosa e poesia encantam desde a imaginação infantil até o gosto apurado dos mais exigentes acadêmicos. Por outro lado, é desafiadora porque ninguém é capaz de esgotar sua profundidade teológica nos mais variados temas que se propõe a tratar. Por isso, devemos abordar o assunto com respeito, cientes dos problemas que dificultam essa tarefa. A consciência dos obstáculos que encontramos ao longo do caminho nos permite preparar-nos para superá-los, de modo que o estudo das Escrituras seja o mais recompensador possível.

Na realidade, são numerosos os desafios metodológicos para o trabalho da teologia veterotestamentária, mas, por uma questão de delimitação, este ensaio — que não pretende ser exaustivo, mas apenas abrir caminhos de discussão — se propõe a refletir sobre apenas três deles: o cânon veterotestamentário e sua relação com o Novo Testamento; a variação literária e temática no Antigo Testamento; e a natureza descritiva/prescritiva dos escritos veterotestamentários.

1. O CÂNON VETEROTESTAMENTÁRIO E SUA RELAÇÃO COM O NOVO TESTAMENTO

Um dos primeiros desafios que precisam ser avaliados para a construção de uma teologia veterotestamentária é a organização do cânon do Antigo Testamento. A sequência de livros adotada na maioria das Bíblias modernas segue, em linhas gerais, a ordem da Septuaginta e da Vulgata. Essa divisão quádrupla (Lei, História, Poesia e Profecia) reflete bem a variação de gêneros e temas da literatura veterotestamentária, que também recebe uma forte influência cristã posterior. Sweeney (2011, p. 360-361) resumiu em poucas palavras o impacto dessa estrutura canônica no imaginário coletivo cristão, o que reflete diretamente no trabalho teológico:

O Pentateuco apresenta o passado distante na medida em que expõe as origens ou fundação do mundo e de Israel. Os livros históricos apresentam o passado mais recente na medida em que apresentam a história de Israel desde a época da conquista sob Josué até o período persa representado por Esdras-Neemias e o livro de Ester. Os livros poéticos e sapienciais apresentam as preocupações do presente, ou seja, as inquietações atemporais do espírito humano refletidas na religiosidade dos Salmos, na sensualidade do Cântico dos Cânticos ou na especulação intelectual dos livros sapienciais. Por fim, os livros proféticos enfocam o futuro conforme previsto pelos profetas do Antigo Testamento. Dada a sua posição no cânon cristão, eles naturalmente apontam para o Novo Testamento como o cumprimento de suas visões do futuro e, assim, contribuem para o quadro geral do todo.³

3 “The Pentateuch presents the distant past insofar as it presents the origins or foundation of the world and of Israel. The Historical Books present the more recent past insofar as they present the history of Israel from the time of the conquest under Joshua through the Persian period as represented by Ezra-Nehemiah and the book of Esther. The Poetic and Wisdom Books present the concerns of the present, that is, the timeless concerns of the human spirit as it is reflected in the religiosity of the Psalms, the sensuality of the Song of Solomon, or the intellectual speculation of the Wisdom Books. Finally, the Prophetic Books focus on the future as envisioned by the prophets of the Old Testament. Given their position in the Christian canon, they naturally point to the New Testament as the fulfillment of their visions of the future and thereby contribute to the overall perspective of the whole”.

Em outras palavras, a divisão quádrupla do cânon do Antigo Testamento favorece que o leitor pressuponha, ainda que inadvertidamente, que o Antigo Testamento deve ser lido à luz do Novo, isto é, da última revelação para a primeira. Isso naturalmente gera um problema epistemológico para a interpretação do texto veterotestamentário. A mensagem que se passa é que o Antigo Testamento não pode ser entendido sem o Novo. Mas como os autores do Novo Testamento conseguiram entender a mensagem veterotestamentária? Obviamente, o Novo Testamento ainda não havia sido escrito. Então, se eles foram capazes de interpretar o Antigo Testamento a partir do próprio texto, nós também deveríamos ser capazes, desde que tenhamos as mesmas pressuposições hermenêuticas.

É importante notar aqui que, de fato, na compreensão cristã, há uma profunda interdependência entre o Antigo e o Novo Testamento, de modo que o primeiro fica incompleto sem o segundo, e o segundo sem sentido sem o primeiro. No entanto, essa insuficiência do Antigo Testamento na ausência do Novo, evidentemente, não o torna incompreensível. Na verdade, na perspectiva do Novo Testamento, a revelação veterotestamentária é a base para a construção da mensagem judaico-cristã (Jo 5.39, 46; cf. Hb 1.1). Isso parece implicar que a mensagem do Novo Testamento deve ser vista como um desenvolvimento ou ampliação da mensagem do Antigo Testamento, e não como um atalho interpretativo.

O problema de usar — exclusiva e unilateralmente — as lentes do Novo Testamento para interpretar o Antigo Testamento não reside necessariamente na leitura dos dois conjuntos de forma síncrona, mas sim na imposição de conceitos teológicos já desenvolvidos no Novo Testamento sobre o texto do Antigo Testamento. Por exemplo, é justo dizer que Jó 19.25-26 tinha o mesmo conceito de ressurreição que a passagem de 1 Tessalonicenses 4.16-17? Se quisermos fazer uma teologia bíblica que leve em conta a leitura dos dois Testamentos, mas sem cometer

esse erro epistemológico, devemos considerar que a orientação correta para ler as Escrituras é do Antigo para o Novo Testamento. Essa direcionalidade da leitura está em harmonia com o conceito de revelação progressiva. Nas palavras de Beale (2013, p. 51), “à luz da revelação progressiva, as passagens do Antigo Testamento não recebem significados novos ou contraditórios, ao contrário, passam por uma expansão orgânica ou desenvolvimento de significado”, assim como o potencial de uma semente resulta em uma árvore plenamente desenvolvida.

É necessário destacar que não se propõe aqui um tipo de método traditivo-diacrônico, como o defendido por Gese (1977), no qual a unidade dos dois Testamentos se dá por meio da “história das tradições” e o Novo Testamento é visto apenas como a conclusão traditiva do Antigo. O que está sendo argumentado é simplesmente que devemos ter cuidado para não ler o Antigo Testamento anacronicamente.

112

Voltando ao tema do cânon, vimos que a quádrupla divisão pode favorecer algum equívoco epistemológico, mas e a tripla divisão? A divisão do cânon em *Torá*, *Ketuvim* e *Nevi'im* não é atestada no texto do Antigo Testamento; depende de fontes externas, como o próprio Novo Testamento (cf. Lc 24.44), o prólogo do Eclesiástico e a tradição. De fato, a única divisão claramente apresentada no texto do Antigo Testamento é a *Torá* (cf. Js 8.31; 23.6; 2Rs 14.6; 23.25; Ne 8.1; Ml 3.22).

Como se pode notar, o primeiro desafio para a construção de uma teologia veterotestamentária é definir a organização do cânon — o que implica diretamente o modo como se vê a unidade dos dois Testamentos e a direcionalidade de sua relação. Talvez, como não há divisão clara do cânon no texto do Antigo Testamento, seria mais razoável e natural aceitar a tradição do cânon tripartido que chegou até nós e que foi confirmada por Jesus e seus discípulos. Essa definição pode ser uma primeira ação prática importante para quem deseja laborar sobre a teologia do Antigo Testamento. Adotar essa organização do cânon hebraico não diminuirá a noção

de que o Novo Testamento é a continuação orgânica do Antigo, mas pode eventualmente facilitar uma interpretação mais coerente das Escrituras veterotestamentárias.

2. A VARIAÇÃO LITERÁRIA E TEMÁTICA NO ANTIGO TESTAMENTO

O segundo desafio relacionado ao delineamento de uma teologia veterotestamentária diz respeito à discussão sobre a existência de um centro (*mitte*, em alemão) suficientemente capaz de organizar e articular todos os livros do Antigo Testamento. Particularmente, acreditamos que a aliança pode servir como um tema transversal que funcione como um eixo central da história da redenção, tendo como pano de fundo o grande conflito entre o bem e o mal. Nesse caso, poderia ser elaborado o seguinte quadro conceitual: o Pentateuco contém o detalhamento do pacto, os profetas exortam o povo de Israel a obedecer a esse pacto e os livros poéticos e sapienciais o têm como um de seus assuntos preferidos, um tema muitas vezes estruturante. Apesar disso, reconhecemos que a aliança parece não ser abrangente o suficiente para dar conta de uma teologia completa do Antigo Testamento em todas as suas nuances, embora alguns, como Eichrodt (2004), tenham empreendido a tarefa de elaborar uma teologia em torno desse eixo.

O santuário é outro tema muito importante, que não deve ser ignorado. Como Timm (2020) argumentou muito bem, o tema do santuário serve como um fator integrador entre as principais doutrinas bíblicas. De fato, pode-se dizer que toda a história da redenção atravessa o ambiente do santuário e suas cerimônias tipológicas, seja prospectivamente, seja retroativamente, sendo este tema um fio de ouro que percorre as Sagradas Escrituras, desde o Antigo ao Novo Testamento. No entanto, apesar de seu papel preponderante, não se pode dizer que o *motif* santuário/templo funcione como princípio organizador de todo o conteúdo veterotestamentário.

Hasel dedicou uma obra inteira a argumentar que nenhum tema ou tópico serve satisfatoriamente a esse propósito, apesar de reconhecer que Deus é o centro da revelação nas Escrituras. O pensamento de Hasel (2015, p. 205) é convincente:

Como nenhum tema, esquema ou tópico é suficientemente abrangente para englobar todas as variedades contidas nos pontos de vista veterotestamentários, é preciso abster-se de usar um determinado conceito, fórmula, ideia básica, etc. como o centro do Antigo Testamento, através do qual se alcance uma sistematização dos testemunhos múltiplos e variegados do Antigo Testamento. Por outro lado, precisamos ratificar que Deus é o centro do Antigo Testamento como seu tema central. Ao dizermos que Deus é o centro do Antigo Testamento, afirmamos que a Escritura do Antigo Testamento possui um conteúdo central, sem cairmos na armadilha de organizar num sistema o caráter centrado em acontecimentos da revelação pela qual Deus se manifesta. Evita-se, assim, sistematizar o que não pode ser sistematizado, mas não se deixa de captar sua natureza essencial.

Por mais importantes que sejam temas transversais como a aliança e o santuário, nenhum deles é tão amplo quanto a figura de Deus. E mesmo que se tenha Deus como o princípio articulador para desenvolver uma teologia veterotestamentária, ainda encontramos problemas com alguns livros, como Ester (que nem sequer menciona o nome de Deus), Cântico dos Cânticos (que enfoca o casamento) e Provérbios (cujo centro é a sabedoria e as implicações éticas de sua aceitação).

Portanto, um segundo ponto importante para elaborar uma teologia veterotestamentária firmemente enraizada em solo bíblico é reconhecer que é impossível organizar os múltiplos temas do Antigo Testamento por meio de um único conceito transversal e todo-abrangente.

3. A NATUREZA DESCRITIVA/PRES- CRITIVA DOS ESCRITOS VETEROTES- TAMENTÁRIOS

O terceiro e último desafio apontado neste ensaio está relacionado ao próprio papel da teologia do Antigo Testamento como disciplina. A ideia de que a teologia do Antigo Testamento — e por extensão a teologia bíblica, isto é, o ramo da Teologia que se preocupa com o texto bíblico e a exegese — é puramente histórica ou descritiva remonta à palestra inaugural de Johann Philip Gabler (1753-1826) na Universidade de Altdorf em 31 de março de 1787 (HASEL, 2015). Seu objetivo era traçar uma distinção clara entre teologia bíblica e teologia sistemática, que é por natureza prescritiva.

No entanto, no que diz respeito especificamente ao trabalho da teologia veterotestamentária, seria legítimo olhar para o conteúdo do Antigo Testamento apenas como “história da salvação”, como a *Heilsgeschichte* de Gerhard von Rad? Nesse caso, qual seria a diferença conceitual entre história e teologia?

É importante reafirmar que, se quisermos desenvolver uma teologia veterotestamentária que esteja enraizada nas Escrituras, é necessário considerar a própria natureza do texto. E como é o texto do Antigo Testamento: prescritivo ou descritivo? Parece que a melhor resposta é ambas as coisas. Existem passagens veterotestamentárias, como genealogias e as listas de materiais utilizados na construção do templo, que são principalmente, mas não exclusivamente, descritivas. Por outro lado, as leis apodíticas e casuísticas do Pentateuco são, por exemplo, essencialmente prescritivas. Deve-se levar em consideração também que até as seções históricas do Antigo Testamento, que narram as vitórias e derrotas do povo e dos heróis de Israel, servem de exortação ao leitor.

A questão que ainda permanece é se a abordagem prescritiva é uma atribuição da teologia bíblica ou sistemática. A nosso

ver, a diferença está no escopo de atuação de cada disciplina. A teologia sistemática deve se concentrar mais nos aspectos doutrinários, enquanto a teologia bíblica se concentra na teologia de um livro ou seção das Escrituras. Ambas podem ter um enfoque prescritivo sem comprometer sua abordagem metodológica. No final, ambas devem considerar a Bíblia como ponto de partida – e o texto, como já mencionado, parece ser tanto de natureza descritiva quanto prescritiva.

Childs (1970, p. 141, grifo do original) resumiu bem a ideia de que a teologia do Antigo Testamento deve conter essas duas abordagens: “Quando vistas do contexto do cânon, tanto a questão do que o texto *queria dizer* quanto a do que ele *quer dizer* estão inseparavelmente conectadas. e ambas fazem parte da tarefa de interpretar a Bíblia como Escritura”⁴

Logo, o terceiro fator que deve ser levado em conta para elaborar uma teologia veterotestamentária é considerar que o texto do Antigo Testamento não é apenas descritivo e historicista, mas também prescritivo e normativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, a questão é muito mais complexa do que o que foi apresentado neste ensaio, que refletiu sobre três dos vários desafios para a construção de uma teologia veterotestamentária fundamentada no texto bíblico, a saber: o cânon veterotestamentário e sua relação com o Novo Testamento; a variação literária e temática no Antigo Testamento; e a natureza descritiva/prescritiva dos escritos veterotestamentários.

Apesar da evidente brevidade e objetividade deste estudo, depois de analisar esses três desafios, podemos apontar pelo menos quatro princípios que podem ajudar na desafiadora tarefa de fazer teologia veterotestamentária: (1) embora

4 “When seen from the context of the canon both the question of what the text meant and what it means are inseparably linked and both belong to the task of the interpretation of the Bible as Scripture.”

não haja evidências internas conclusivas, a tradicional divisão tríplice parece ser a opção mais adequada e natural para a organização canônica do Antigo Testamento; (2) não há problema em ler os dois Testamentos sincronizadamente, mas é preciso prestar atenção à direcionalidade da leitura e tomar cuidado para não fazer uma análise exegética anacrônica; (3) embora Deus seja o centro da revelação bíblica, não há um tópico ou tema transversal único no Antigo Testamento que funcione como princípio articulador capaz de organizar toda a revelação veterotestamentária; e (4) considerando que o texto bíblico é tanto descritivo quanto prescritivo em sua natureza, uma teologia do Antigo Testamento que tencione seguir parâmetros bíblicos deve reproduzir essa mesma tendência.

REFERÊNCIAS

BEALE, Gregory K. **Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CHILDS, Brevard S. **Biblical Theology in Crisis**. Philadelphia: Westminster, 1970.

EICHRODT, Walther. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004.

GESE, Harmut. Tradition and Biblical Theology. *In*: KNIGHT, Douglas A. (ed.). **Tradition and Theology in the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

HASEL, Gerhard. **Teologia do Antigo e Novo Testamento: questões básicas no debate atual**. Santo André: Academia Cristã, 2015.

SWEENEY, Marvin A. Tanak *versus* Old Testament: Concerning the Foundation for a Jewish Theology of the Bible. *In*: SUN, Henry T. C. *et al.* (ed.). **Problems in Biblical Theology: Essays in Honor of Rolf Knierim**. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2011.

TIMM, Alberto R. **O Santuário e as Três Mensagens Angélicas**: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas Adventistas. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2020.